



ANA MARCELLA MARIOTTI SALLES SANTOS

MEMÓRIAS DE UMA JOVEM PROFESSORA

**INCONFIDENTES – MG
2017**

ANA MARCELLA MARIOTTI SALLES SANTOS

MEMÓRIAS DE UMA JOVEM PROFESSORA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para conclusão do curso de *Lato Sensu* em Educação Infantil.

Orientadora: Prof^a. Ma. Melissa Salaro Bresci.

**INCONFIDENTES – MG
2017**

ANA MARCELLA MARIOTTI SALLES SANTOS

MEMÓRIAS DE UMA JOVEM PROFESSORA

Data de Aprovação: ____ / ____ / ____.

Orientadora: Prof^a. Ma. Melissa Salaro Bresci
IFSULDEMINAS – CAMPUS INCONFIDENTES

Prof.^a Ma. Paula Inácio Coelho
IFSULDEMINAS – CAMPUS INCONFIDENTES

Prof. Me. Luis Carlos Negri
IFSULDEMINAS – CAMPUS INCONFIDENTES

Dedico este trabalho à Deus, que na sua infinita misericórdia, nunca me abandonou, à minha família e amigos mais próximos, que assistiram minha luta e me incentivaram para que eu não desistisse me apoiando quando eu mais precisei.

À minha mãe que me incentivava em todos os momentos e nunca me permitiu abandonar este curso, mesmo com tantos entraves e problemas pessoais e de maneira especial à minha irmã Ana Rita e a amiga Karen que estiveram ao meu lado em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que sempre estiveram ao meu lado, família, amigos e colegas de curso, pelo apoio e compreensão, por dividir momentos de aprendizagem.

RESUMO

O trabalho aqui exposto tem como principal objetivo refletir sobre a contribuição da leitura na formação do aluno dos anos iniciais escolares, assim como a importância da criação do hábito de ler desde os anos iniciais escolares. Busca-se também discutir as várias possibilidades da leitura e o papel do professor junto a aprendizagem da leitura, considerando a leitura como uma ferramenta essencial no processo de aprendizagem, buscou-se em diversos textos e livros, através da pesquisa bibliográfica um apoio teórico para esta proposta de trabalho, a. fim de elucidar o tema aqui exposto.

Palavras-chave: Leitura; Aprendizagem; Escola.

ABSTRACT

The work here presented aims to reflect on the contribution of reading in the education of students of school early years, as well as the importance of creating the habit of reading since the early school years. The aim is to also discuss the various possibilities of reading and the role of the teacher with learning to read, considering reading as an essential tool in the learning process, we sought in various texts and books, through literature a theoretical support for this proposed work,. elucidate the theme here exposed.

Keywords: Reading; Learning; School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 - RELEMBRANDO A VIDA ESCOLAR.....	11
2 – DO DESVIO DE PERCURSO À CONSTRUÇÃO DO SER PROFESSORA	17
3 – LEITURA: algumas considerações	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32

INTRODUÇÃO

A influência que nós professores temos na vida de uma criança é inimaginável, podemos influenciá-la tanto positivamente quanto negativamente, podemos ensiná-la a gostar de ler, a se tornar um adulto leitor ou apenas passar pela sua vida como mais um professor.

Não tenho recordação de ter ouvido histórias, de terem me incentivado a buscar livros infantis, tanto nas aulas de Educação Infantil quanto em casa. Para mim a leitura de livros era um problema enorme, não me mostraram que poderia ser uma ação prazerosa. Fui devidamente apresentada aos livros no Ensino Fundamental, mas a leitura era avaliada, o que me desmotivou ainda mais. Com o tempo percebi o quão importante a leitura é, me formei pedagoga e desde então tento mudar o conceito de leitura e apresentá-la como algo benéfico.

As reflexões sobre minha prática docente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental levaram-me a rever meu trabalho e buscar o estudo e o conhecimento para resolver minhas próprias dificuldades.

Em minha atividade como docente preocupo-me em buscar soluções, encontrar maneiras diferentes de apresentar o livro e conseqüentemente a leitura para a criança e torná-la prazerosa, um momento único em que ela possa imaginar o que quiser e viajar através das letras. No entanto, enfrento barreiras em minha prática como por exemplo esclarecer aos demais professores o quão importante a leitura é e o tamanho da sua influência na vida de uma criança.

Diante de minhas vivências como aluna e como docente apresento esse memorial no qual demonstro uma busca pela compreensão da leitura como um dos aspectos necessários para o desenvolvimento escolar das crianças nos primeiros anos de escolarização. A partir do referencial teórico conseguido por meio da pesquisa bibliográfica apresento como a criança precisa ser assistida a fim de aprender com a leitura entendendo que a mesma é a porta de entrada para outras aprendizagens e necessita ser importante na vida dos alunos e inserida no contexto escolar como algo prazeroso que os mesmos levarão para o resto da vida.

Desta forma o presente trabalho se estrutura em três etapas, na primeira intitulada “Relembrando a vida escolar” apresento minha trajetória pessoal como aluna

e como se formou o conceito de leitura ao longo dos anos de escolarização. Na segunda etapa cujo título é “Do desvio de percurso à construção do ser professora”, apresento a minha chegada a licenciatura em Pedagogia e minhas experiências como docente.

Na última etapa “Leitura” apresento os conceitos que hoje me são caros com relação a essa ação no âmbito das aprendizagens dirigidas pela escola.

1 - RELEMBRANDO A VIDA ESCOLAR

Ao rememorar minha infância posso afirmar que foi uma infância feliz, cheia de afeto, atenção e carinho por todos os lados, mas não lembro de ter tido contato com livros infantis. Acredito que não tive esse contato, não por desleixo de meus pais, mas porque como eles também não tiveram esse contato não perceberam que seria necessário, importante para mim e minha irmã.

Ingressei na escola com 4 anos de idade, no então chamado “Pré 1”, do qual me lembro algumas coisas como colorir bastantes desenhos prontos, desenhos de letras e algumas vezes podíamos desenhar “livremente”. No entanto, ao refletir percebo hoje que não era tão livre assim, uma vez que quando queria desenhar um jardim, a flor deveria ser a que a professora ensinou no quadro, caso contrário o desenho seria considerado errado e teria que ser refeito. Mais uma vez não me recordo de ter tido contato com livros, sendo ouvido ou tentando ler alguma história. Assim se passaram os três anos de “pré escola”.



Figura 1- A caminho da escola – Ana Marcella e Ana Rita – Acervo pessoal ano 1992.

Com 7 anos, em 1995, entrei na primeira série, tive meu primeiro contato com livros, na verdade cartilhas para ser mais precisa. Logo nos próximos anos a cartilha se transformou em livros didáticos, assim se passaram os anos até a terceira série na Escola Estadual Professor Alfeu Duarte, atualmente pertence a rede municipal.

Eu e minha irmã gêmea sempre fomos boas alunas, nossa mãe só ouvia elogios sobre o bom comportamento, mas sempre alunas medianas, nada de muito diferente ou mais especial que merecesse mais atenção. Porém, minha mãe tinha loja de malhas e naquela época quem tinha loja vivia muito bem, ela achou melhor nos transferir de escola para uma escola particular. Isso ocorreu no ano de 1998 quando tínhamos 10 anos de idade e fomos transferidas na 4ª série do Ensino Fundamental. No primeiro ano do Colégio Santo Antônio o sistema era Dom Bosco, no ano seguinte aderiu ao sistema de ensino Objetivo.



Figura 2- Festa de aniversário – Ana Marcella e Ana Rita - No centro nossa mãe Rita Maria – Acervo pessoal ano de 1998.

Em 1999, já cursando a 5ª série, me recordo de ter o primeiro contato com livros, tínhamos a apostila bimestral e junto com ela vinham alguns livros para serem lidos e trabalhados, a professora na época, acreditava que eram poucos e nos dava outra lista para aquisição. A partir daí comecei a ler praticamente um livro por mês, mas tínhamos que responder um questionário enorme e valia somente a nota de participação. Tinha muita dificuldade em executar essa tarefa, o livro não fazia parte da minha vida, não tinha espaço, nem tempo para ler, entretanto, como valia nota era obrigada a fazê-lo.

O que observo hoje é que esse contato não foi muito interessante, minhas notas caíram bastante. Acredito que se a leitura do livro fosse tratada de modo diferente seria mais proveitosa, ao invés de longos e maçantes questionários, o professor reservasse um tempo para debatermos, conversarmos sobre a experiência de cada um ao ler o livro, nosso ponto de vista, realizaríamos a leitura com mais entusiasmo, e a leitura de um livro não se tornaria um fardo apenas para a aquisição de notas.

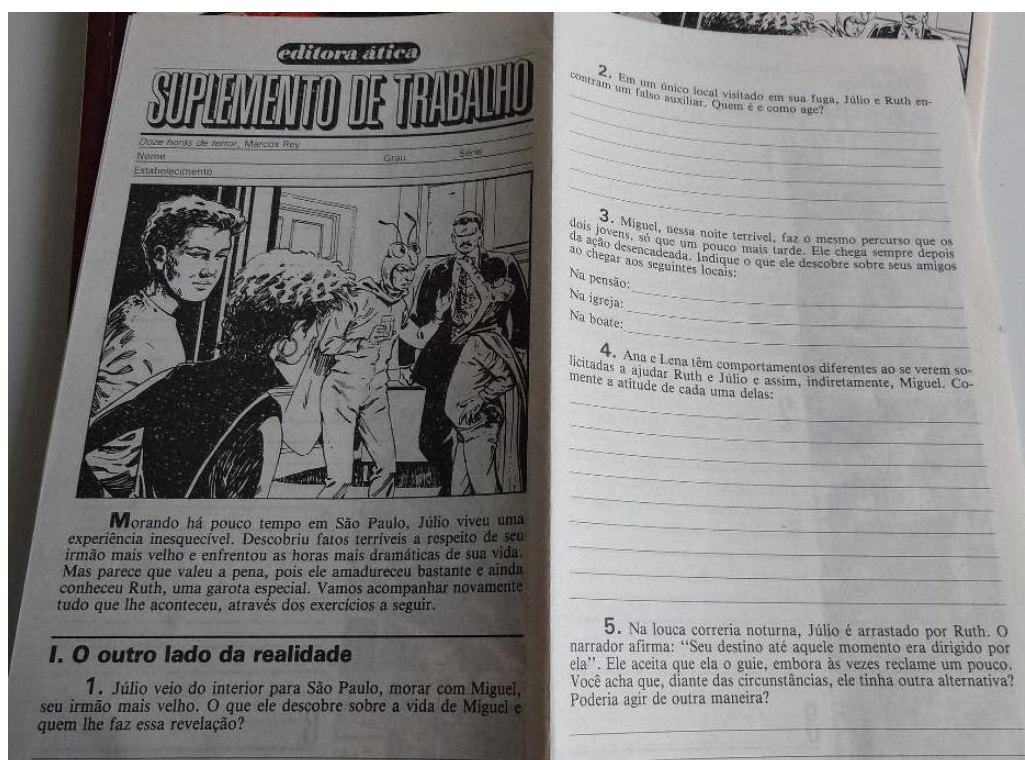


Figura 3- Imagem que mostra como eram os suplementos de trabalho da coleção Vagalume, disponível em: <http://listasdelivros.blogspot.com/2011/05/serie-vaga-lume-editora-atica-1973-xxxx.html>

Nos anos seguintes, fui me acostumando e realizando bem todas as atividades, assim cheguei ao fim da oitava série em 2002 com 14 anos, ainda estudando no colégio particular e finalmente me adaptando ao formato que na época considerava “puxado”. Lembro-me que no mesmo ano passamos por vários problemas, tais como, a separação definitiva dos meus pais, mudança de casa e mudança de escola. Essas últimas ocorreram porque a loja que minha mãe tinha passou por um problema muito sério e ela acabou “falindo”. Mudamos para uma casa menor terminamos o ano letivo no mesmo colégio e no ano seguinte mudamos para a Escola Estadual Júlio Brandão, a fim de economizar, já que a escola nova seria gratuita.

No ano de 2003, iniciamos nossa jornada no primeiro ano do Ensino Médio, então com quinze anos. Foi um novo começo, pois minha mãe começou a trabalhar como professora depois de muito tempo (ela era bacharel em direito também). Ela iniciou seu serviço na Casa da Criança, mas sempre dizia que não servia para dar aulas, que até mesmo ministrando aulas de reforço os alunos dificilmente se comportavam.

Enquanto isso eu levava um choque de realidade e percebi que na minha antiga escola, aquela “bagunça” que os alunos faziam, não chegava aos pés da nova escola. Lembro que tinha sempre que chegar mais cedo e não para conseguir um lugar preferencial mas para conseguir uma carteira e uma cadeira, quem não conseguia, geralmente sentava no chão ou na janela, mas isso só acontecia quando ia grande parte dos alunos matriculados (se fossem todos não caberiam na sala). Minha sala do primeiro ano do Ensino Médio, tinha 50 alunos matriculados, ia uma média de 40. Salas superlotadas, alunos desinteressados, a maioria dos professores passava por lá sem ser notado, a matéria que estavam tentando ensinar equivalia a que tinha visto um ou dois anos antes.

Durante os três anos do Ensino Médio fiz bastante amigos, o que foi importante para meu crescimento, recordo-me também que consegui boas notas, passando para séries seguintes. Percebo hoje que os professores tentaram fazer o que puderam, na medida de suas forças, disponibilidade e comprometimento.

Importante ressaltar que em toda minha trajetória escolar, sempre tive muita admiração pelos professores, não acreditava como uma única pessoa podia deter tanto conhecimento e conseguir transmiti-los.

Chegou a época do vestibular, fiz a inscrição em Espírito Santo do Pinhal, a cidade vizinha me inscrevendo para o curso de Administração e passei, minha irmã fez para Enfermagem e também passou. Passamos em ótimas colocações, mas não tínhamos como pagar. Uma escolha foi necessária e assim deixei de lado a Administração e voltei meu olhar para outra possibilidade a fim de que minha irmã pudesse cursar Enfermagem e pudéssemos arcar com as despesas.

Concomitante a isso em minha cidade foi instalada um polo universitário com vestibular para dois cursos na época: Administração e Pedagogia. Assim como fizera anteriormente, me inscrevi para o curso de Administração. No dia do vestibular a secretária me chamou e disse que Administração não teve a quantidade de inscrições necessárias, se eu queria meu dinheiro de volta ou fazer a prova para Pedagogia. Fiz e passei. De certa forma não escolhi, a força das circunstâncias me escolheram para a docência.

Ainda muito confusa com o que estava acontecendo, conversei bastante com a minha mãe, sobre o que eu deveria fazer. Ela tinha iniciado sua vida como docente de forma um pouco conturbada, mas no fim ela abraçou a profissão com tanto amor que me fez recordar um pouco da admiração que tinha pelos professores.

Ela me falava que realmente no início, quando ela começou a lecionar tudo era novo e muito assustador, mas que adorava as crianças, mesmo as problemáticas, que se soubesse, teria começado a lecionar assim que se formou, mas que não fez por medo. Me animava e encorajava a iniciar o curso de Pedagogia, e dizia também, “você tenta, se não for o que realmente quer, você faz outro curso, você é nova ainda.”

Eu e minha irmã não tínhamos condições de estudar juntas em Espírito Santo do Pinhal, seriam duas mensalidades da faculdade e duas do ônibus e além disso ela não poderia trabalhar porque o curso que ela escolheu teria aulas durante o período diurno também. Então resolvi que a deixaria estudar, a pensão que meu pai deveria pagar para nós duas, por fim, pagaria a mensalidade dela e eu conseguiria um

emprego e pagaria a minha, enquanto não conseguisse, minha mãe me ajudaria no que fosse preciso.

Iniciei a faculdade em 2006, em Jacutinga mesmo. Nesse ano tive vários empregos, trabalhei em loja de malhas, de sapatos, consegui um emprego também, durante 3 meses em uma escola particular. Isso me assustou muito, eu era monitora, tinha que trocar fraldas, entre outras coisas. Em relação ao trabalho docente Costa (1995 p.53) diz: “Além disso, uma história de más condições de trabalho, de baixa remuneração, de desrespeito à categoria das/os docentes de parte do poder público [...]”. Isso não ficava retido somente à rede pública, pois a cobrança na rede particular era muita, sem nenhum suporte e sem pagamento, por fim, desisti. Acreditava que estava fazendo o curso errado, mas no final desse mesmo ano entrei em uma fábrica grande, a Delphi e o meu curso também daria a especialidade em RH de empresas, então continuei estudando acreditando que iria tomar esse rumo na Pedagogia.



Figura 4- Festa de Formatura, conclusão do curso de Pedagogia – Ana Marcella e Rita Maria – Acervo pessoal ano de 2009.

2 – DO DESVIO DE PERCURSO À CONSTRUÇÃO DO SER PROFESSORA

Durante os três anos que o curso de Pedagogia teve de duração, acredito que tive um grande desenvolvimento pessoal, aprendi muitas coisas que antes não acreditava serem importantes, com o embasamento teórico e a didática dos professores o meu ponto de vista mudou muito e passei a ver a grandiosidade da profissão que havia escolhido ou que tinha me escolhido. Enfrentei muitos problemas com minha timidez e também muitas dificuldades por não ter o hábito de ler, que foram gradativamente sendo trabalhados para um melhor aproveitamento do curso. Lembro-me, que no início teria a grade curricular voltada somente para supervisão escolar e empresarial, mas que logo depois, havia sido reformulada para nos dar a habilitação de lecionar nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Desde que iniciei a faculdade, os laços entre mim e minha mãe aumentaram significativamente, porque eu, querendo ou não, estava seguindo a mesma profissão dela, tirávamos dúvidas uma com a outra e essa ligação aumentou ainda mais quando eu me formei em 2008, porque nesse mesmo ano minha irmã se casou, morava em Espírito Santo do Pinhal/SP e no ano seguinte foi para o Maranhão, então sempre fomos só nós duas com as despesas, alegrias e tristezas.

Assim que me formei, ainda tinha dúvidas se deveria seguir a carreira de magistério, partir para a área empresarial da graduação ou se tentar cursar outra faculdade. No mesmo ano em que concluí meu curso, em 2008, o então secretário municipal de educação me ofereceu um contrato na rede municipal de ensino da cidade de Jacutinga/MG. Foi um convite inesperado, não tinha certeza se era realmente esse o caminho que queria seguir, porém aceitei o convite graças ao apoio que tive da minha mãe. Foram dois meses em uma sala de primeiro ano na Escola Municipal Michel Farhat, uma escola de periferia, em um bairro mais afastado e pobre da cidade. Estava totalmente perdida, mas com o apoio das outras professoras e da supervisora, segui em frente. No entanto, depois de dois meses fecharam a minha sala por não ter uma grande quantidade de alunos, somente 15, então meus alunos foram remanejados para os outros dois primeiros anos que havia para atingir a média

de 25 alunos por sala e eu passei para outra escola no mesmo bairro, o Centro de Educação Infantil Padre Silvério Negri.

Foi nesse local que me encontrei como docente, percebi que minha missão na terra era lecionar, trabalhar com crianças, me sentia realizada com meu trabalho, uma vez que as crianças e direção eram maravilhosos, sem contar o grande apoio das professoras que me passavam todo o material necessário e tiravam todas as minhas dúvidas. Comecei a lecionar em uma sala de educação infantil, Jardim I, com 25 crianças na faixa etária de 4 anos. A adaptação foi difícil, mas ver a admiração que eles tinham, os olhinhos brilhando cada vez que me viam, a evolução que tinham, fazia o meu dia valer a pena.

Observo que recebi uma base teórica ótima na faculdade, mas voltada para os anos iniciais do Ensino Fundamental e a realidade da sala de aula de Educação Infantil era totalmente diferente, foi preciso repensar todo o processo de formação dessa criança e passei a acreditar mais ainda que

(..) a finalidade da escola é preparar a criança para a vida, ensinando-a a ler, escrever, pensar, criticar, construir suas ideias, mostrando para ela a ideologia de viver na plenitude, para que ela não se iluda com a sociedade consumista, que quer cada vez mais e mais.
Só a escola criativa e construtivista fará da criança o ser integral. E criatividade sem livro não chega à plenitude das asas para soltar a imaginação. (CLARET, 2013, p.14)

Discuto hoje que o trabalho do professor se torna ainda mais árduo quando ele não tem uma referência para realizá-lo, dificultado ainda mais quando soma-se a isso a ausência de suporte pedagógico e material disponível para realizar seu trabalho. Entretanto, também compreendo que infelizmente essa é a realidade da maior parte das escolas, aliado ao fato de não terem espaço amplo para realizar atividades, falta de acervo literário, recursos financeiros específicos para melhoria e como são ligadas a administração municipal as escolas de educação infantil ficam presas a vontade política de cada gestão que assume.

No caso específico da minha prática com crianças o que vivenciei foi que em relação à livros infantis existe um acervo graças a doações e como são livros usados a maior parte deles se acaba com o tempo, mas soube a existe um recurso próprio em cada escola, que poderia servir, dentre outras coisas, para aquisição de livros infantis e quando ocorria a compra dos mesmos ficavam restritos ao manuseio apenas pelos professores, não sendo de acesso as crianças. Ou seja elas eram impedidas de brincarem com os objetos da escola, especificamente com livrinhos de histórias, o que deixava o contato , a aquisição do hábito de manusear livros e gostar deles cada vez mais distantes.

Em vista de tudo isso observei como se comportavam na sala no momento de atividades com livros, percebi a dificuldade com que eles lidavam com os livros, não era uma atividade comum a leitura de livros infantis, foi então que vi a necessidade de apresentar de outra maneira o livro infantil para que eles se envolvessem e se interessassem pela leitura.

A partir de então iniciei com eles um projeto de leitura no qual eles levariam para casa um livro para que os pais realizassem a leitura junto, com o intuito de tornar esse um momento único entre pais e filhos e os influenciaria positivamente para tornar a leitura uma prática. Entretanto, os livros que eram cedidos para que eles pudessem levar, eram livros velhos, alguns rasgados, não lhes eram tão atrativos, somando-se a isso outra dificuldade encontrada era o apoio dos pais, muitos pais não sabiam ler e os que sabiam não o fazia por falta de tempo. Isso me chamou muito a atenção pois acredito que o exemplo dos pais pode mudar a atitude do filho, a criança que vê os pais lendo desenvolve o gosto pela leitura com mais facilidade, Claret confirma isso em seu trabalho:

Diversas pesquisas realizadas no mundo todo mostram que a criança que lê e tem contato com a literatura desde cedo, principalmente se for com o acompanhamento dos pais, é beneficiada em diversos sentidos: ela aprende melhor, pronuncia melhor as palavras e se comunica melhor de forma geral. Quem é estimulado à leitura desde bebezinho se torna muito mais preparado para os estudos, para o trabalho e para a vida. Isso quer dizer que o contato com os livros pode mudar o futuro dos seus filhos. (CLARET, 2013, p.12)

A falta de estímulo e interesse dos pais, a falta de instrução de alguns e a falta de tempo de outros, fizeram com que o projeto inicial não tivesse sucesso, mas continuava em sala de aula realizando leituras de várias maneiras, para tentar incentivar positivamente a prática de leitura, porém com todos esses entraves infelizmente não obtive o resultado que eu esperava.



Figura 5- Projeto Maleta Viajante, realizado no Centro de Educação Infantil Padre Silvério Negri com a finalidade de incentivar a leitura – Acervo pessoal ano de 2010.

Trabalhei durante quatro anos no Centro de Educação Infantil Padre Silvério Negri, dois anos consecutivos como professora do jardim trabalhando com crianças de 4 anos, e dois anos como professora da educação infantil, trabalhando com crianças de 5 anos. Em 2014 no quinto ano de atividades me contrataram como supervisora, no mesmo ano em que abriu as inscrições para a Pós-graduação em Educação Infantil, achei muito válido, pois até então eu trabalhava com Educação Infantil, na sala e como supervisora, mas sem a formação adequada.

Em 2011 eu passei no concurso da Rede Estadual de Ensino, comecei a trabalhar com dobra de turno em 2013 e em 2014 na prefeitura passei a ser supervisora de Educação Infantil e decidi aprimorar meus estudos, realizando a prova para a pós-graduação. Comecei os estudos e percebi o quão equivocada eu estava

quando eu lecionava na Educação Infantil, resolvi então, lutar para melhorar a Educação infantil do município, na qual crianças de 4 anos têm aula de reforço por não saberem traçar corretamente o nome e todas as letras do alfabeto, crianças de 5 anos têm que aprender a traçar corretamente as famílias silábicas e nenhum tempo para atividades lúdicas, essas atividades, juntamente com as leituras, só eram realizadas quando era solicitado na apostila.

Iniciei minha luta com o apoio de mais uma supervisora, propusemos a diminuição, ou mesmo o fim do uso de cadernos, pois crianças de 5 anos tinham 6 cadernos além da apostila, caderno de português, matemática, estudos sociais, prontidão, tarefa e artes, alegamos que se somente a apostila fosse bem trabalhada, não seria necessário o uso de tantos cadernos, pois eles refaziam lá o que aprendiam na apostila. Propusemos a utilização de outros espaços dentro e fora da escola, atividades lúdicas, atividades manuais e que assim a coordenação motora seria melhor aprimorada e que era isso realmente o que devíamos ensinar para os nossos pequenos e não fazer com que eles treinassem todas as famílias silábicas e aprendesse o nome completo em letra cursiva. Pois de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

Para esta fase, os objetivos estabelecidos para a faixa etária de zero a três anos deverão ser aprofundados e ampliados, garantindo-se, ainda, oportunidades para que as crianças sejam capazes de:

- ampliar as possibilidades expressivas do próprio movimento, utilizando gestos diversos e o ritmo corporal nas suas brincadeiras, danças, jogos e demais situações de interação;
- explorar diferentes qualidades e dinâmicas do movimento, como força, velocidade, resistência e flexibilidade, conhecendo gradativamente os limites e as potencialidades de seu corpo;
- controlar gradualmente o próprio movimento, aperfeiçoando seus recursos de deslocamento e ajustando suas habilidades motoras para utilização em jogos, brincadeiras, danças e demais situações;
- utilizar os movimentos de apreensão, encaixe, lançamento etc. Para ampliar suas possibilidades de manuseio dos diferentes materiais e objetos;
- apropriar-se progressivamente da imagem global de seu corpo, conhecendo e identificando seus segmentos e elementos e desenvolvendo cada vez mais uma atitude de interesse e cuidado com o próprio corpo (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, 1998, p.27).

No entanto, não havendo qualquer estabilidade e como precisava trabalhar me sujeitava as ordens dadas, pois não era ouvida. Foi um momento de muita dificuldade e de nada adiantou.

Em agosto desse mesmo ano, tem meio a toda tentativa frustrada de pensar e agir de forma diferente na sala de aula fui surpreendida com grave problema pessoal, minha mãe foi internada na UTI, mas não descobriam a causa. Foram 20 dias de muita angústia e sofrimento, com isso tive que faltar no emprego para acompanhá-la nos médicos, depois de conseguir encaixes médicos, ela foi encaminhada para um médico em Pouso Alegre e foi diagnosticada com Mieloma Múltiplo, ela começou o tratamento imediatamente. Porém, as faltas constantes corroboraram para não me contratarem no ano seguinte.

Como não fui recontratada pela prefeitura trabalhei no ano de 2015 somente na rede Estadual, lecionando em uma sala de 1º ano, muito diferente do universo da educação infantil, isso fez com que eu tivesse muitas dificuldades de me adaptar ao método da escola. Não possuía prática nenhuma em alfabetizar e o método adotado pela escola era tradicional, tínhamos que ler diariamente vários cartazes silábicos, cada criança tinha um livrinho de leitura diária com apenas sílabas simples, que iam avançando para as complexas conforme seu desenvolvimento.

Com minhas vivências, convicções e observações da situação novamente tentei desenvolver um projeto de leitura com a finalidade de tornar esse um momento além de necessário, prazeroso e não só para treinar a leitura como estava acontecendo. Propus para os alunos que levassem livros que eles mesmos escolhiam para casa e lessem com a família para passarem esse tempo juntos e tendo também o contato com livros diversos. Percebi que esse tempo de leitura em família era muito raro, assim como acontecera comigo, o que ocorreu com a iniciativa foi que muitos pais agradeceram e participaram e assim, fui observando que o desenvolvimento das crianças melhorava gradativamente e foram aprendendo a gostar de ler. Eles voltavam para sala com vontade de contar a história que haviam levado e como foi bom esse momento com os pais.

Tinha o apoio da supervisora, tanto no projeto quanto em realizar diariamente leitura com eles, para ouvirem e aprenderem a gostar de leitura desde cedo, uma vez que acredito que a leitura é o apodera-se do conhecimento conforme aponta Pereira (2012).

Ler é apoderar-se de um bem, e uma vez adquirido, jamais será perdido: o conhecimento. Mas, o que se faz necessário para que um indivíduo venha a se tornar um leitor ativo e detentor de conhecimentos? Não existe uma fórmula, mas certamente há caminhos que levam a tal fim, e sem dúvidas o principal caminho é a prática da leitura na infância. É praticar, com o devido apoio, da família, e da escola, esta ação libertadora, a leitura é o pontapé inicial para o sucesso intelectual de um indivíduo. (PEREIRA, et. a., 2012, p.2)

Entretanto, a direção da escola não acreditava ser necessário. Vejo nessa posição um paradoxo, pois o gestor escolar foi escolhido para este cargo por ter sido um bom professor e deveria saber a realidade de cada sala de aula, mas não deve impor a maneira que lecionava antigamente aos novos professores ao contrário dever propor novas perspectivas de trabalho.

O que vivi foi uma perspectiva mecânica de ensino, na qual a leitura nada mais era do que uma ato mecanizado, sem sentido, sem significado e praticamente centrado na leitura da cartilha, totalmente sem prazer e sem outra finalidade que não a decodificar sinais.

Vejo como professora no decorrer do meu pouco tempo de atividade e de minha vida como aluna que a leitura é o principal meio de se tornar independente, de imaginar, criar, expor suas ideias. Desta forma se a criança fica condicionada a ler, primeiramente, frases que utilizam apenas sílabas simples, que não tem nenhum sentido para ela, como por exemplo: “a baba e o bebe” e “o bebe baba”, isso não influencia a criança querer aprender a ler, a gosta de ler, penso que esse tipo de ação ao contrário, faz com que ela acabe perdendo o interesse e se torne uma criança desmotivada, ainda mais quando são reprovadas em lições tão simples.

As crianças das séries iniciais ainda são crianças pequenas, estão formando sua personalidade, gostos e preferências, as experiências com leitura não farão

sentido se elas não imaginarem seu próprio universo, se apropriarem do saber e se tornarão ao invés de prazer, uma obrigação até mesmo traumática e quando chegar nesse ponto nem mesmo os livros infantis se tornarão atrativos. Para mim era uma contradição complicada de entender, uma vez que se opunha a tudo que eu acreditava.

Além do mais não acredito que uma leitura mecânica, na qual os alunos podem claramente decorar a lição para passar proporcione aprendizado efetivo, a mim me parece “perda de tempo”. Ao repensar minhas ações vejo que o momento que eu reservava no início da aula para que eles pudessem me contar o que haviam feito, além do entusiasmo com que falavam, a leitura se tornou um momento prazeroso e com isso eu trabalhava muitas outras coisas, como a oralidade, expressão, entonação e havia um sentido maior nisso para eles do que apenas a repetição, já que de acordo com Silva (1981, p. 42) “leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda à própria vida do Ser Humano”

O tornar-me ser professora foi se encaminhando junto a esse montante de contradições, reflexões e discordâncias e assim o de 2015 passou muito rápido, entre os afazeres docentes e as questões pessoais que me dividiam. Foi um momento complexo pois acompanhei minha mãe as consultas médicas o quanto pude, pela consideração que tiveram comigo em relação à mudanças de horários e faltas, resolvi não discutir sobre as ações pedagógicas que nos eram impostas, não tive condições de me opor ou contra argumentar, todavia, no meu íntimo como professora entendia a necessidades de uma ação efetiva e diferente de como haviam me imposto.

Para mim, o significado é muito mais amplo e envolve muitas coisas, muito além do que o dicionário traz:

Lei.tu.ra. S.F.1. Ato, arte ou hábito de ler. 2. Aquilo que se lê. 3. Tec. Operação de percorrer, em um meio físico, sequências de marcas codificadas que representam informações registradas, e reconvertê-las à forma anterior (como imagens, sons, dados para processamento).(BUARQUE, 2001, p.490).

Entendo que seja necessário compreender o processo de aquisição da leitura, para além do simples decodificar de palavras. Sabe-se que nenhum método de ensino é um fracasso total, mas também, nenhum é sucesso total, cada sujeito tem o seu particular ao aprender, e se conhecer o processo fica mais fácil detectar a falha.

A criança, mesmo antes de decodificar os signos, aprender as letras e transformá-las em palavras, ela realiza leitura de mundo.

A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. (FREIRE, 1921, p.7).

Essa leitura de mundo apontada por Freire deverá ocorrer em tudo que nos cerca como humanos seja no ato de reconhecer vários objetos através de rótulos e do significado que isso tem para ela, seja na compreensão dos signos linguísticos, é um conjunto de situações as quais ela tem que ser incentivada a conhecer.

O que impede de influenciar uma criança pequena, para que ela goste de ler e se torne um adulto leitor? Faço-me esse questionamento pois vejo que na atualidade existem vários livros fabricados para serem manuseados por bebês, eles não lêem as palavras, mas lêem as gravuras e recontam à sua própria maneira e os materiais com que são confeccionados são mais resistentes e próprios para a faixa etária. Esses livros podem influenciar a criança desde cedo, tanto em casa quanto em ambiente escolar, pois eles entram em contato com livros mais cedo, um contato sem cobrança, um instrumento utilizado para aprender brincando.

Vejo como professora que a criança pequena convive com o mundo letrado desde que nasce, se ela aprender a gostar de livros desde pequena, mesmo sem saber ler e interpretar, esse gosto permanece por toda vida, ela aprende que o livro é um ótimo instrumento para aprender sobre tudo e que existem vários tipos e assuntos a serem descobertos, e que pode aprender lendo. Porém, a maioria das crianças só tem contato com livro na escola, a meu ver de maneira errônea, na maioria das vezes, é com livros didáticos e cartilhas, que cobram o aprendizado das letras, em seguida

das sílabas, depois pequenos textos e o tempo destinado à leitura, se resume à leitura desse material. Elas têm muito pouco contato com livros de histórias infantis e o tempo destinado à leitura desses livros são muito raros.

Em vista disso o ano de 2016 iniciou e tentando fazer com que a criança compreenda a importância dos livros infantis, no ano de 2016 escolhi meu cargo na biblioteca e também não queria entrar em conflito com a direção da escola, uma vez que minha mãe precisava muito de mim. Ela estava enfraquecida e mesmo que não falasse eu percebia seus ossos enfraquecendo, ela não queria andar por causa de dores, marquei e a acompanhei em vários médicos, sua doença estava controlada e foi encaminhada para São Paulo para realizar alguns exames e em seguida, o autotransplante, porém, quando chegamos lá a doença havia afetado seu rim, ela voltou para Pouso Alegre e iniciou o tratamento com nefrologista. Toda essa circunstâncias tomaram um espaço muito grande o que fez com que deixasse de lado muitas coisas, inclusive os estudos, projetos com alunos e com a biblioteca da escola.

Mesmo com todas as conturbações pessoais tentei dar prosseguimento ao meu trabalho na escola e assim juntamente com a supervisora pensei e realizar alguns projetos para reviver a biblioteca, visitas a biblioteca, escolhas de livros, leitura deles em diversos locais. Dessa forma retornando a minha preocupação com a leitura na infância. Como aponta SCHUTZ, DELLA MEA e GONÇALVES (2009, p.62) “apesar de todas as dificuldades encontradas no ambiente escolar, a escola continua sendo a principal formadora de leitores, pois tem o professor e o aluno como principais atores desse processo”.

Em maio do mesmo ano consegui uma dobra de turno no estado, lecionando como orientadora de estudos na Educação em Tempo Integral da mesma escola, o que me ajudou financeiramente para as despesas com a doença de minha mãe. Quando estava tudo se encaixando e dando certo, minha mãe passou mal novamente e, em junho desse ano foi internada com pedido de transferência com urgência para Pouso Alegre, lá seu quadro se agravou, teve pneumonia, quebrou o braço e foi restringida ao leito por correr risco de quebrar as pernas, seu rim parou, teve que realizar diálise. Durante todo esse revez eu estive ao seu lado, mesmo correndo o risco de perder o emprego, até que consegui contratar uma enfermeira que passava

a semana com ela, de segunda a sexta e na sexta eu ia de ônibus para ficar com ela no final de semana. Ainda enfrentei meus familiares que só acreditaram na gravidade do caso, quando eu pedi pela primeira vez, ajuda para a minha irmã, depois de 15 dias que ela já estava internada em Pouso Alegre, 45 dias de Internação, minha irmã veio da Bolívia para ajudar.

Em meio a toda mudança pessoal e profissional saiu minha nomeação como efetiva na Escola Estadual Floriano Saretti, concurso que prestei em 2011, mas para isso tive que mudar de sala, da biblioteca para o terceiro ano do ensino fundamental.

Logo após assumir trabalhei durante uma semana como regente na sala de terceiro ano, na segunda feira dia 11 de julho eu fui para a cidade de Pouso Alegre para ver como estava o tratamento de saúde de minha mãe, no caminho fui surpreendida com a notícia que minha mãe não havia resistido. Não tive condições emocionais para nada, muito menos para realizar o trabalho de conclusão de curso da pós graduação que estava cursando. Minha irmã ficou comigo no Brasil para não ficar sozinha, em agosto tive que retomar meu emprego e, portanto, a sala de terceiro ano.

Ao reassumir deparei-me com as dificuldades próprias de se pegar uma sala no meio do ano letivo, aliado a isso recebi muita cobrança em relação ao Proalfa¹ (Programa de avaliação da alfabetização).

É importante ressaltar que toda escola da cidade de Jacutinga/MG, onde atuo, quer ser a melhor da cidade, ter a nota mais alta, no entanto, para essa em que trabalho especificamente, não basta só a nota melhorar “ela” quer ser a “melhor” em tudo na cidade. Tal fato leva a administração tomar atitudes no sentido de solicitar aos professores que dirijam suas atividades para o treinamento das crianças para realizarem essa prova, isso equivale a dizer que o foco se resume ao trabalho com os conteúdos de português e matemática cobrados pelo Proalfa. Dito de outro modo, todas as outras atividades e conteúdos poderiam/deveriam ser deixados de lado. Para

¹ Programa de Avaliação da Alfabetização, realizado pelo Governo de Minas Gerais, identifica os níveis de aprendizagem em relação à leitura e à escrita dos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental.

verificação do rendimento das crianças a supervisão aplicava testes com base no Proalfa para saber como estavam os “treinamentos”.

Diante da realidade apresentada eu fiquei de “mãos atadas” sentia que meu trabalho estava incompleto, me senti inútil, eles não precisariam de mim só para treiná-los. Para mim o papel da escola e do professor é muito maior que adestramento. Acredito que seja o de ensinar o aluno a pensar, a questionar, aprender sobre a realidade a construir suas próprias opiniões.

Acreditava que meus alunos não iriam evoluir o quanto podiam, tentava convencê-los que a leitura era mais importante, pois se os alunos criassem o hábito de ler e isso para eles fosse prazeroso, a prova seria uma pequena interpretação de texto, que leriam e fariam com muita facilidade, mas tive que acatar as ordens que recebia.

A cobrança vinda da direção e conseqüentemente da supervisão era muito grande, eles entravam na sala, cobravam mais empenho dos alunos, retiravam os alunos para “tomar leitura”, olhavam meu plano de aula semanalmente e viam se eu estava ou não aplicando o que me foi passado. Trabalhei o que foi me pedido mas tentei mostrar para as crianças um meio diferente para alcançar o mesmo fim (a tão sonhada nota do Proalfa), as interpretações tão cobradas, eram realizadas através do livro infantil escolhido por cada criança, eles me recontavam `a maneira deles a história escolhida, criávamos um novo final, inventávamos situações problemas a serem resolvidas, assim trabalhávamos de forma lúdica, prazerosa, trabalhava a leitura mas também a oralidade, a expressividade, atenção, imaginação.

Finalizamos o ano, e acredito encontramos juntos um sentido na leitura, pois vi neles nascer o prazer de ler, de descobrir, de saber que após um texto nunca somos os mesmos e que obtive todos os resultados tão esperados. Pois como escreveu Souza (1986, p. 41), é preciso “angariar a simpatia do aluno, oferecendo-lhe oportunidade de resgate de experiências pessoais [...] em sintonia com as experiências do texto.”

3 – LEITURA: algumas considerações

A leitura é uma das competências mais importantes que podem ser trabalhadas com o aluno, no entanto, pesquisas apontam ser uma das principais deficiências da educação brasileira. Quando a leitura recebe o devido valor pode ampliar a visão do mundo, pois através do hábito da leitura o homem pode tomar consciência das suas necessidades mais básicas, promovendo sua própria transformação e a do mundo (DUTRA, 2011).

Segundo Bamberger (2008, p. 10): “a boa leitura é uma confrontação crítica com o texto e as ideias do autor”. A leitura proporciona uma visão crítica ao leitor, colocando em confronto as ideias do autor e as concepções do leitor que são previamente existentes, o que eleva a criatividade e constrói novas concepções. Pode-se dizer que ocorre um processo de interação entre dois mundos distintos que são postos em jogo no ato da leitura.

Isso tudo só pode ocorrer quando o primeiro contato com a leitura é prazeroso e promove o gosto pelo ato de ler e tudo ocorra de forma contextualizada, ou seja, deve promover relações com o mundo vivencial do sujeito humano, pois antes da leitura da palavra escrita é necessário que este realize a leitura de mundo, como aponta Bamberger (2008).

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (BAMBERGER, 2008, p.11):

A leitura pode gerar vários conceitos e de forma geral está restrito à decodificação da escrita. A atividade de leitura não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas envolve, de fato, o ato de interpretar e compreender o que se lê. Para Kleiman (2008), a leitura precisa permitir que o leitor entenda o sentido do texto, o que não pode ser apenas uma mera decifração de signos linguísticos.

De acordo com o dicionário Aurélio, o ato de ler pode ser assim explicitado: “1. ato ou efeito de ler; 2. Arte ou hábito de ler; 3. aquilo que se lê; 4. O que se lê,

considerado em conjunto. 5. Arte de decifrar e fixar um texto de um autor, segundo determinado critério” (apud FERREIRA, 1988, p. 390).

Para Bamberger (2008, p. 9), o direito de ler “[...] significa igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir”. É possível dizer que os livros são os portadores dos conhecimentos historicamente construídos, que são transmitidos de uma geração para outra, difundindo ideias, o que dificilmente seriam repassados por outros meios.

Segundo Carleti (2007, p. 2)

A leitura é o meio mais importante para a aquisição de saberes na formação de um cidadão crítico para atuar na sociedade. O ato de ler é uma forma exemplar de aprendizagem: Durante o processo de armazenagem da leitura coloca-se em funcionamento um número infinito de células cerebrais. A combinação de unidade de pensamentos em sentenças e estruturas mais amplas de linguagem constitui, ao mesmo tempo, um processo cognitivo e um processo de linguagem. A contínua repetição desse processo resulta num treinamento cognitivo de qualidade especial.

Aliando-se a isso vale salientar também que uma boa escrita é consequência de uma diversidade e constante leitura, por isso, a escola deve propiciar atividade que promova o conhecimento para seus alunos, o que precisa ser significativa, produtiva e desafiadora. Quando uma atividade se mostra significativa ela é capaz de trazer ao aluno um conhecimento útil para a sua vida, podendo utilizá-lo em diferentes situações. Uma atividade produtiva pode representar um conhecimento já adquirido e construído pelo aluno e também o que ele está construindo, e desafiadora, pois pode apresentar algumas dificuldades, o que pode trazer à tona certa resistência, que leva o aluno a se modificar a fim de acomodar um novo conhecimento, o que pode ser positivo (NASPOLINI, 2010).

Ensinar a ler é uma competência muito particular da escola e de suma importância para todo o processo de aprendizagem, considerando que tudo se desenvolve por meio e a partir da leitura. Assim se faz importante usar novas estratégias para esse trabalho e também rever o que já se faz.

É necessário rever as estratégias de aprendizagem de incentivo a leitura, para estimular os alunos a construírem sua autonomia como leitor. A leitura terá eficiência quando for motivada a atender às necessidades do leitor. A importância da prática de leitura patrocinada pela escola, e que precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível para que o aluno desenvolva o hábito da leitura como uma forma natural e prazerosa visando assim às chances de enriquecer seu conhecimento (LAJOLO, 2008 p.109).

Diante do exposto pode-se considerar que a aquisição da leitura, o ato de ler está em primeiro lugar na aprendizagem, não tem como saber matemática, física, biologia, geografia sem ler, enfim, qualquer outra disciplina, de qualquer período escolar não resulta em conhecimento sem que se faça uma leitura criteriosa. É necessário saber ler, interpretar e compreender o que se lê para que realmente aconteça uma aprendizagem significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desse memorial tentei apresentar minha trajetória de vida como professora, buscando entender minha profissão e como lidar com minha própria dificuldade em relação à leitura. Nesse tempo em que atuo como professora precisei lidar com minhas limitações e assim ensinar meus alunos. Busquei realizar um trabalho significativo com leitura para formação de leitores críticos que participem da realidade em que se encontram inseridos.

Passando por muitos obstáculos, compreendi os percalços dos docentes, bem como a necessidade tentar introduzir a leitura como prática prazerosa para as crianças para que se apropriem dela, desenvolvam a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa.

Penso que seja necessário facilitar e promover a vontade de ler tanto no ambiente escolar quanto no ambiente familiar de várias formas, tentando despertar a curiosidade e independência para que a vontade de aprender a ler seja maior que a falta de recurso, tempo ou mesmo que sobressaia ao medo de errar que ocorre quando a leitura é imposta.

Contudo, observei que o mais importante é encontrar sentido na leitura, o prazer de ler, de descobrir, de saber que após um texto nunca somos os mesmos.

Eu me encontrei como professora e percebi o impacto que podemos ter nas crianças e o quanto ainda é preciso evoluir. Percebi que o educador precisa se comprometer socialmente com o aluno, com o que ensina, mas lembrar que também aprende a todo momento e precisa disso para se desenvolver também.

Não é de hoje que se ouve falar que o caminho para uma sociedade ideal é a educação, e também não é de hoje que se vê a educação ficando em segundo plano.

REFERÊNCIAS

ARENHALDT Rafael, Memórias e Histórias de Vida. Blog de Memórias de Formação e Histórias de Vida de Educadores, **Memorial Descritivo de Rafael Arenhaldt**, Disponível em: http://memorialformativo.blogspot.com.br/2007/09/memorial_3065.html Acesso em: 09/11/2016

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7. ed., São Paulo: Ática/Unesco, 2008.

BARROS, Cristiane Maria; SANTOS, Edna Gonçalves; BARBOSA, Maria Lucia Ferreira de Figueiredo, Trabalho Realizado para Conclusão de Curso do Centro de Educação da Universidade Federal do Pernambuco – UFPE, **Leitura na educação infantil: a questão dos objetivos de ensino**, Disponível em: https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2007.2/documento%20em%20leitura%20na%20educacao%20infantil%20a%20questao%20dos%20objetivos%20de%20ensino.pdf Acesso em: 12/10/2016

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, vol. 3, Brasília, MEC/SEF, 1998 Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf> Acesso em: 08/12/2016.

BUARQUE de Holanda Ferreira, Aurélio, Mini dicionário Aurélio da língua portuguesa, 4ª Edição Revista e Ampliada do Minidicionário Aurélio. Edição Especial para o FNDE/PNLD 2001, com tiragem de 11.849.961 exemplares Editora Nova Fronteira, **Definição da palavra: Leitura**, p.490. Consultado em: 10/01/2017

CARLETI, Rosilene Callegari. **A leitura: um desafio atual na busca de uma educação globalizada**. Ed. ES, São Paulo-SP, 2007.

CASTRO, Eliane Fernandes, Brasil Escola, Meu Artigo, **A importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança, Formação do hábito de leitura, literatura infantil contextualizada, contato com o livro, a importância de ouvir histórias, estágios psicológicos da criança**, Disponível em: <http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-literatura-infantil-para-desenvolvimento.htm> Acesso em: 17/10/2016

CLARET, Fabiane Guilherme Rosa, Monografia de Especialização, Universidade Tecnológica Federal Do Paraná, Diretoria de Pesquisa E Pós Graduação Especialização em Educação: Métodos E Técnicas De Ensino, **A importância da**

leitura nos anos iniciais do ensino fundamental I Disponível em:
http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4465/1/MD_EDUMTE_2014_2_1_05.pdf Acesso em: 21/10/2016

DUTRA, Vânia L. R. Abordagem funcional da gramática na Escola Básica. Anais do **VII Congresso Internacional da Abralín**. Curitiba, 2011. Disponível em:
www.abralin.org Acesso em: 28-02-15.

FREIRE, Paulo, **A importância do ato de ler, em três artigos que se completam**, Disponível em: http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf Acesso em: 12/06/2017

HOPPE, Marcia Cristina; COSTA-HUBES, Terezinha da Conceição, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, **Concepções de leitura na educação básica e sua relação com a prova Brasil**, Disponível em:
http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/7/artigo_simposio_7_1036_inter_marcia@hotmail.com.pdf Acesso em: 10/10/2016

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 2008.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo- SP, 2008.

MARICATO, Adriana., Revista CRIANÇA do Professor de Educação Infantil, **O Prazer da Literatura se Ensina**, Pag. 18 - 26. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/eduinf/revcrian40.pdf> Acesso em: 15/10/2016

NASPOLINI, Ana Tereza. **Tijolo por Tijolo: Prática de Ensino de Língua Portuguesa**: 1ªed. São Paulo: FTD, 2010.

PEREIRA, Elana de Jesus; FRAZÃO, Gabrielle Carvalho; SANTOS, Luciana Castro, Informação e Sociedade: A Importância da Biblioteconomia no Processo de Preservação da Memória Documental, **Leitura Infantil: O valor da leitura para a formação de futuros leitores**. Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação – EREBD N – NE. 15 a 21 de janeiro de 2012. Disponível em:
<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/viewFile/2162/1359> Acesso em: 16/10/2016

RIBEIRO, Kelli da Rosa, Tese de Doutorado Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. **Trabalho com leitura na educação básica: uma aplicação da semiótica greimasiana na análise da notícia jornalística**, Disponível

em:

<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S7/kelliribeiro.pdf>

Acesso em: 10/10/2016

ROQUE, Cássia Lina Bittencourt, Canedo, Maria Luiza, **A importância do incentivo à leitura nos primeiros anos da infância**, Disponível em: http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccg/pibid/download/seminario_pibid_sudeste_201510_cassia_roque.pdf Acesso em: 20/10/2016

SANTOS, Cássia Maria; SILVA, Vanicleize Maria; CHIARO, Sylvia, Trabalho de Conclusão de Curso – Pedagogia, Universidade Federal de Pernambuco UFPE. **O trabalho com a literatura infantil: Um estudo de caso em duas pré-escolas da rede municipal do Recife.** Disponível em: https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2012.1/o%20trabalho%20com%20a%20literatura%20infantil.pdf Acesso em: 21/10/2016

SCHUTZ, Marta Dinarte; DELLA MÉA, Célia Helena de Pelegrini; GONÇALVES, Luana Iesen, Concepções de leitura- reflexões sobre a formação do leitor. **Disc. Scientia. Série: Artes, Letras e Comunicação, S. Maria**, v. 10, n. 1, p. 55-76, 2009. Disponível em: <http://sites.unifra.br/Portals/36/artigos%20letras/artigos%20letras/concep%E2%80%A1A1%C3%A4es%20de%20leitura.pdf> Acesso em 11/10/2016

SILVA, E. T. da. Ler é, antes de tudo, compreender. In: **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 1981, p. 42-45. Consultado em: 21/01/2017

SILVA, Gilvanete Lopes, Trabalho de Conclusão de Curso – Pedagogia, Memorial de Formação - Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, Natal/RN **Memórias de uma educadora vitoriosa**, Disponível em: <http://www.ifesp.edu.br/ik/images/documentos/memoriais/gilvanete.pdf> Acesso em 10/11/2016

SOUZA, M. S. D. de. O interesse pela leitura poderá surgir. **A conquista do jovem leitor**. Florianópolis: EDUFSC, 1986, p. 39-41. Consultado em: 25/01/2017

Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa – NIASE, Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, **Tertúlias dialógicas**. Disponível em: <http://www.niase.ufscar.br/tertulias-dialogicas> Acesso em: 22/10/2016

VASCONCELOS, Vera M. R., Revista CRIANÇA do Professor de Educação Infantil, **A Educação Infantil como Esperança no Futuro**, Pag. 5 - 9. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/eduinf/revcrian40.pdf> Acesso em: 15/10/2016

ZANZARANI, Maria Pinheiro, YOSHIDA, Sônia Maria Pinheiro Ferro, FIGUEIREDO, Lilia Márcia de Souza, Faculdades Integradas Mato Grossenses de Ciências Sociais e Humanas, Cuiabá, MT. **A leitura na escola: anos iniciais.** Disponível em: <http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2009/11/12/outros/419c3c195c55e4ab05add73f686f46d4.pdf> Acesso em 18/10/2016